Dia 1 — São Gil, Abade

Martirológio Romano

São Gil, abade e confessor, na província de Narbona. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Os doze santos irmãos mártires, em Benevento. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Os santos Josué e Gedeão, na Palestina. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Santa Ana, profetisa, em Jerusalém, cuja santidade consta do Evangelho. (Foi esposa de Elcana e, sendo estéril, obteve por suas súplicas e orações ser mãe do profeta Samuel. Ana assinalou seu reconhecimento num cântico de ação de graças, cheio de ideias sublimes e magníficas. Nada se sabe das circunstâncias de sua morte.) (Veja-se a vida de Samuel no dia 20 de agosto.)

São Prisco, mártir, em Cápua, na via Aquária; foi um dos antigos discípulos de Jesus Cristo.

São Sisto, em Reims, na França; era discípulo do apóstolo São Pedro e foi pelo mesmo Apóstolo consagrado primeiro bispo daquela cidade; alcançou a coroa do martírio no tempo de Nero.

São Terenciano, bispo e mártir, em Todi, na Úmbria; o qual, no tempo do imperador Adriano, por ordem do procônsul Licínio, foi atormentado no potro e com escorpiões; por fim, cortando-lhe a língua e degolando-o, consumou o martírio.

São Amão, diácono, e quarenta santas virgens, em Heracleia, às quais o santo Diácono instruiu na fé e, no tempo do tirano Licínio, levou consigo à glória do martírio.

Os santos mártires Vicente e Leto, na Espanha. (Várias, contraditórias e sumamente confusas são as notícias que se têm destes Santos. Alguns autores os supõem franceses, dizendo que Vicente, bispo, e Leto, presbítero, foram dois apóstolos do Ocidente e que morreram martirizados, circunstância esta última em que todos os escritores convêm. Mas outros autores, e são os mais, asseguram que nasceram na cidade de Toledo e que padeceram o martírio em sua própria pátria, no século III ou IV. O único certo é o ofício próprio destes Santos, que se lê no antigo Breviário moçárabe.)

São Régulo, mártir, em Populônia, na Toscana, hoje Porto Baratto; o qual, vindo da África no reinado de Totila, alcançou ali a palma do martírio.

São Lupo, bispo e confessor, em Sens; do qual se lê que, estando um dia a dizer missa na presença do clero, caiu do céu uma pedra preciosa no cálice. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

São Prisco, bispo, em Cápua; foi outro daqueles sacerdotes que, na perseguição dos vândalos, afligidos de diversos modos por defender a fé católica e metidos num barco velho, chegaram da África às praias da Campânia, na Itália; e, espalhando-se por aquela região e sendo-lhes confiado o governo de várias igrejas, propagaram maravilhosamente a religião cristã. Seus companheiros eram Castrense, Tamano, Rósio, Eráclio, Secundino, Adjutor, Marcos, Augusto, Elpídio, Canião e Vindônio.

São Constâncio, bispo, em Aquino, esclarecido pelo dom de profecia e por suas muitas virtudes.

São Victório, bispo, em Le Mans, na França.

Santa Verena, virgem, na diocese de Constança, junto a Aquae Duras (Zurzach).

São Gil, Abade

Foi São Gil natural de Atenas e de casa tão ilustre que trazia sua origem dos antigos reis do país. Seus pais eram cristãos e, mais distintos pelos exemplos de sua virtude que pela superior nobreza de seus régios ascendentes ou pelo esplendor de suas imensas riquezas, aplicaram o maior cuidado à melhor educação de seu filho, dispondo que fosse instruído nas letras humanas; e, embora o menino Gil, pela extraordinária vivacidade de seu engenho, tenha feito grandes progressos nelas, ainda foram maiores os que adiantou na ciência dos Santos e da Religião. Crescia sua virtude com a idade, a que parecia ter-se antecipado, e, dedicado seu principal estudo à leitura dos livros espirituais, detinha-se com particular atenção nas vidas daqueles grandes homens que mais haviam sobressaído na santidade. Desde logo foi presságio da sua a terna caridade que professava aos pobres, sem ter ainda saído da meninice. Despia-se de suas vestes para agasalhá-los; e, juntando-se a isto uma inclinação particular ao retiro, facilmente se deixou conhecer que o alvoroço do mundo não era de seu gosto. Ignorou absolutamente todos aqueles jogos, diversões e passatempos que são tão ordinários naquela tenra idade, não reconhecendo outros senão o estudo e a oração; de maneira que, quando não se o encontrava em seu quarto, não havia que procurá-lo em outra parte que não fosse encomendando-se a Deus na igreja. Pela pureza de seus costumes, por sua rara modéstia e por uma vida que já tendia ao austero, tudo naquela florida idade que erradamente se chama o tempo e a sazão dos passatempos, era a admiração geral de todo o povo, e ressoavam seus elogios nas escolas de Atenas.

Faltaram-lhe seus pais quando ainda estava na flor da juventude, e por sua morte se achou único e universal herdeiro de seu opulento patrimônio. Teve pouco que fazer, nem em consultar, nem em resolver o acerto de seu emprego. Tomou desde logo seu partido, porque, altamente impresso em sua memória e mais profundamente gravado em seu coração aquele conselho de Jesus Cristo ao outro jovem que aspirava à vida mais perfeita: *Vai, vende o que tens e reparte-o aos pobres*, não se deteve nem um só momento. Vendeu logo todos os seus bens e distribuiu seu valor entre os

necessitados: ação generosa inspirada do mais elevado motivo, que, ganhando-lhe o coração a Deus, o cumulou dos mais singulares favores, merecendo-lhe desde logo o dom dos milagres, com que o honrou o mesmo Senhor. Achava-se um dia de festa na igreja quando um energúmeno começou a dar uivos tão espantosos que, amedrontados todos os circunstantes, foi preciso interromper-se os ofícios divinos. Não podendo sofrer São Gil que o demônio se atrevesse a perturbar a devota quietude do sagrado templo, chegou-se a ele e mandou-lhe imperiosamente, em nome de Jesus Cristo, que emudecesse e que logo deixasse livre aquela pobre criatura. Obedeceu o espírito infernal, desocupou a morada, ficando são o possesso e cheio de admiração o concurso à vista daquele prodígio.

Não obrou este só milagre. Estava já para expirar um infeliz homem a quem havia mordido uma venenosa serpente e, como os que o rodeavam, compadecidos daquela desgraça, advertissem que São Gil saía da igreja, correram a ele, suplicando-lhe que se compadecesse daquele miserável moribundo. Teve pena dele, fez uma breve oração ao Senhor e no mesmo ponto ficou restituído à sua perfeita saúde, olhando já a Gil toda a cidade com respeito, com veneração e com assombro. Sobressaltou-se sua humildade assim que o reconheceu; e, não podendo sofrer o superior conceito que se fazia de sua virtude, determinou desterrar-se de sua pátria; mas, enquanto se lhe proporcionava oportunidade de embarcação, retirou-se a uma ilha deserta, onde se teria fixado se não o atemorizasse a proximidade de Atenas; consideração que o obrigou a embarcar num navio e fazer-se à vela para a França.

Durou-lhe pouco o gozo de ver-se na embarcação, onde, por não ser conhecido, era desestimado: grande consolo para seu espírito humilde; mas em breve tempo o privou dele um milagre. Mal haviam saído para o alto-mar, levantou-se uma desfeita tempestade que ameaçava inevitável naufrágio: o navio fazia água por um e outro bordo; sobressaltada de espanto a tripulação, não manobrava; as ondas iam tragar o casco. Compadecido o Santo à vista da perturbação, dos clamores e da desolação da equipagem, pôs-se em oração e, mal levantou as mãos ao céu, deixou-se cair o vento, cessou a tempestade, serenou-se o céu e o mar se tranquilizou, ficando em sossegada calma. Depois de alguns dias de feliz navegação, lançaram âncora nas costas da Provença e, sabedor nosso Santo de que ainda vivia São Cesáreo, arcebispo de Arles, a quem conhecia pela voz da fama, resolveu ir em busca dele para fazer-se discípulo de tão insigne Prelado e aprender na escola de tão destro mestre os caminhos mais seguros da perfeição. A penetração de São Cesáreo muito cedo descobriu toda a virtude e todo o extraordinário mérito daquele desconhecido estrangeiro, a quem reteve dois anos junto de sua pessoa, com desejo de que não se separasse de seu lado; nem São Gil teria pensado nunca em afastar-se dele, se não o houvesse precisado a buscar algum incógnito retiro onde esconder-se e sepultar aquele dom dos milagres que a toda parte o acompanhava e, por assim dizer, o perseguia. Sem dizer palavra ao santo Prelado, passou o Ródano secretamente e foi como enterrar-se vivo num espesso e horroroso bosque, não distante de sua margem. Encontrou nele um santo eremita chamado Veredino, tão digno de respeito por sua venerável ancianidade como por sua extraordinária virtude, qualificada também com o dom dos milagres. Serviu a São Gil de inexplicável consolo a companhia de um varão tão respeitável, não só por ter nele um mestre tão hábil quanto experimentado na vida espiritual, mas também porque, a seu modo de entender, havia encontrado o mais seguro defensivo para sua humildade; pois, caso o Senhor lhe quisesse continuar a graça dos milagres, ser-lhe-ia fácil (dizia Gil para consigo) atribuí-los àquele venerável ancião, a quem Deus se havia

dignado conceder o mesmo dom. Este pensamento o sossegou por algum tempo; mas, como viu que os enfermos, informados do lugar de seu retiro, concorriam de todas as partes a encomendar-se às suas orações para alcançar a saúde por sua poderosa intercessão; e como soube ser opinião geral de todos os povos dos arredores que, depois de Deus, se devia a seus merecimentos a fertilidade de um terreno até então infecundo e estéril, tomou a resolução de esconder-se tão deveras que, de uma vez para sempre, se pusesse a coberto contra todos os assaltos da vaidade, e as diligências humanas não pudessem dar com ele.

Com este pensamento saiu de sua ermida e, tendo caminhado errante largo tempo por aquele espesso bosque, descobriu uma gruta, naturalmente aberta num horroroso penhasco, cuja boca estava como fechada com sarçais e impenetráveis espinheiros. Gozosíssimo por ter encontrado uma cova tão adequada a seus ansiosos desejos, pôs-se de joelhos e, levantando ao céu as mãos e os olhos, rendeu mil graças a Deus por lhe haver concedido aquele doce e suspirado retiro. Era o terreno um ermo tão espantoso, tão seco e tão estéril que apenas produzia umas amargas raízes com que o Santo se pudesse sustentar; mas aquele Senhor, que tem tão particular cuidado dos que se entregam à sua amorosa providência com inteira confiança, depois de haverem generosamente abandonado tudo por seu amor, proveu àquela necessidade com uma singular maravilha. Mal o santo solitário havia entrado na gruta, veio-se aproximando dele uma corça carregada de leite, apresentando-lhe as tetas para que dela extraísse seu alimento; diligência que repetiu com inviolável pontualidade todos os dias à mesma hora. Maravilhosamente consolado nosso Santo com aquele amoroso cuidado da divina Providência, não cessava dia e noite de render ternas graças ao Senhor, desfazendo-se em contínuos louvores.

Passou São Gil muitos anos naquela doce solidão, sendo sua conversação com Deus e com o céu, enlevado incessantemente na contemplação das divinas grandezas e perfeições, e vivendo mais como anjo do que como homem mortal, quando, querendo o Senhor manifestar aos fiéis aquele tesouro escondido, dispôs ou permitiu que a Childeberto, rei da França, lhe viesse à fantasia ordenar uma caçada naquele bosque, que comumente se julgava inabitável. Os caçadores encontraram felizmente a mesma corça que alimentava nosso Santo e a acossaram tão vivamente que, fatigado e exausto o perseguido animal, refugiou-se na cova de São Gil, lançando-se a seus pés quase sem respiração, interceptado o alento, enquanto a matilha de cães, que já ia em seu alcance, parou imóvel no mais vivo da corrida, sem atrever-se a forçar a entrada da gruta. Admirados os caçadores de ver parados os cães, dispararam algumas flechas por entre a espessura dos sarçais, uma das quais feriu gravemente São Gil. Chegada a noite e fazendo-se conversação na presença do Rei sobre os lances da caça, trazendo-se a ela como verdadeiramente extraordinário o da corça, quis Childeberto forçar por si mesmo, no dia seguinte, aquele lugar e examinar por sua pessoa em que pôde consistir a não acostumada imobilidade que deteve como pregados os cães da matilha. Desmontou-se o matagal e ficaram todos como atônitos quando descobriram o Santo com a corça deitada a seus pés, sem que os cães, por mais que os açulassem, pudessem jamais aproximar-se do sagrado da gruta; mas o Rei, com reverente veneração e respeito, chegou-se ao santo Solitário e perguntou-lhe seu nome, sua pátria e o modo que tinha de viver naquela espantosa solidão. Cativado por suas prudentes respostas e movido de sua heroica santidade, ofereceu-lhe ricos presentes; mas o Santo lhos agradeceu com humildade e os recusou com modéstia, dizendo que de nada tinha necessidade, quando a amorosa providência do Senhor havia cuidado de sustentá-lo por tão longo tempo com o leite daquele inocente animal. Notou

então o Rei o sangue que corria por baixo de sua pobre roupa e, reconhecendo que estava ferido, quis que seus cirurgiões o curassem; mas o Servo de Deus nunca o consentiu, dizendo que não queria malograr aquela ocasião de padecer e que antes se afligiria muito se a ferida se fechasse depressa.

Admirado Childeberto da eminente virtude daquele homem portentoso, não deixou passar dia algum sem ir ter com ele um rato de piedosa conversação e, cada vez, despedia-se mais assombrado e mais enfeitiçado de sua rara santidade. Vendo-o sempre inacessível e constante em não admitir os preciosos dons com que o brindava, disse-lhe o Rei em uma ocasião que ao menos lhe havia de declarar que coisa podia fazer naquele sítio que fosse mais de seu gosto. Respondeu-lhe o Santo que nenhuma podia fazer mais do agrado de Deus, nem de maior proveito para todo o país, do que fundar naquele mesmo lugar um mosteiro em que se observasse com todo o rigor a mesma estreita regra que se observava nos mosteiros da Tebaida. Não precisou Childeberto de que lho recordassem mais. Fundou-se o mosteiro com toda a possível presteza e logo se encheu de excelentes sujeitos que concorriam em tropas, ansiosos por viver sob a direção de São Gil, a quem se obrigou a encarregar-se de seu governo, apesar de toda a sua repugnância; e desde então se viram florescer naquele deserto os mesmos prodígios de penitência, de oração e de todas as demais virtudes que até ali só se admiravam nos páramos da Tebaida e nos ermos arenosos do Egito.

Estando o Rei em Orléans e tendo necessidade dos conselhos do santo Abade, mandou-o vir à corte, e foi sua viagem uma contínua série de milagres, que tornaram famoso seu nome em todo o reino da França; mas o mais ruidoso e o mais útil de todos eles foi a conversão do mesmo Rei. Achava-se carregada sua consciência com um pecado grave, que não se resolvia a confessar; e refere Santo Antonino, autor da vida de nosso Santo, que um dia aquele Monarca lhe pediu com particular instância que o encomendasse a Nosso Senhor. Fê-lo São Gil e, estando em oração, clamando a Deus pelo Rei, teve uma visão em que lhe apareceu um Anjo, que lhe deixou um bilhete sobre o altar, assegurando-lhe que o Senhor o havia ouvido. Tomou São Gil o bilhete, levou-o ao Rei e, tendo-o lido, achou nele que Deus, movido pelas orações do Santo, queria misericordiosamente perdoar-lhe aquele pecado, contanto que o confessasse e fizesse penitência dele; como o executou o arrependido Monarca, sendo sua conversão visível efeito das orações do Servo de Deus.

Restituído o santo Abade ao seu mosteiro, passou algum tempo nele dedicado ao exercício de todas as virtudes, até que sua devoção o moveu a empreender uma viagem a Roma para visitar o sepulcro dos sagrados apóstolos São Pedro e São Paulo. Fez quanto pôde para estar desconhecido naquela cidade, mas sua mesma virtude o traiu; e, querendo o Papa vê-lo, recebeu-o não só com agrado, mas com veneração, presenteando-lhe duas estátuas dos sagrados Apóstolos. Refere o mesmo Santo Antonino que São Gil, cheio de confiança, entregou ao Tibre as duas estátuas, que eram de cipreste, e que, quando chegou a seu mosteiro, as achou à porta dele. Enfim, depois de tê-lo governado por muitos anos com tanta prudência e com tanta edificação que por largo espaço de tempo foi seminário de Santos, cheio de dias e de merecimentos, morreu com a morte dos justos no dia 1º de setembro, lá pelo fim do século VI. Ao rumor da multidão prodigiosa de milagres que obrava Deus em seu sepulcro por sua poderosa intercessão, concorreu àquele sítio tanto número de gente que se povoou uma cidade, à qual se deu o nome de São Gil. O mosteiro

pertenceu por longo tempo aos Beneditinos; passou-se depois aos monges cluniacenses e por fim foi secularizado. Repousou nele o santo corpo até que, pelas perturbações que excitaram os albigenses no país, os Católicos se viram obrigados a trasladá-lo a Toulouse, onde é reverenciado na igreja de São Saturnino, dentro de uma preciosa urna.

Os Doze Santos Irmãos Mártires

No mesmo dia em que a Igreja celebra a festa de São Gil, faz comemoração de doze santos irmãos mártires, os quais foram africanos de nação, naturais de uma cidade chamada em latim Adrumetum, que hoje dizem chamar-se Sissa, ainda que não falte quem a chame Toulb e outros Macometa. Os nomes destes valorosos guerreiros do Senhor foram Donato, Félix, Acôncio, Honorato, Fortunato, Sabiniano, Septímio, Januário, Félix II, Vital, Sátiro e Repósito. Eram de nobre linhagem e todos bem ensinados nas letras humanas e divinas. Foram presos na África e depois trazidos à Itália, à cidade de Benevento, onde acabaram o curso de seu glorioso martírio, ainda que em diferentes dias, sendo imperador de Roma Valeriano, no ano de 258, ou, segundo outros, Diocleciano; e, antes de lhes dar a morte, atormentaram-nos com muitos e atrozes tormentos. Alsano, arcebispo de Salerno, escreveu seu martírio em verso heroico, que está no tomo sétimo de Surio.

São Gil de Casaio

Deste servo de Deus consta que foi abade do mosteiro cisterciense de São Martinho de Castañeda, de que falamos em outro lugar, situado junto ao Bierzo, ao lado do famoso lago de Sanábria.[^1] Não foi o primeiro abade daquela casa, mas sucessor de Pedro Cristiano e de Martinho, de quem recebeu o hábito.[^2] De sua pátria e pais não ficou nenhuma memória. Criou-se ali na companhia de outro varão de esclarecida santidade. Manrique[^3] confessa que se ignorava o nome deste sócio. Cardillo lhe dá o título de irmão e o chama Frei Pedro Fresme. Ambos passaram da vida monástica à eremítica. Nosso Santo foi primeiro abade; logo retirou-se com seu irmão a seu priorado de Santa Cruz de Casaio, que ficava na parte do Bierzo, ainda que não longe do mosteiro de Castañeda. Ali serviu algum tempo o ofício de pároco, sendo para aquela freguesia estampa viva de toda virtude. Dali retirou-se ao interior daquelas serras, por onde andou alguns dias, até que fixou sua residência numa várzea estreita do vale de Casaio. Viveram os dois irmãos, cada qual em sua ermida, dados à mortificação e à contemplação. Morto São Gil, o irmão o sepultou em sua ermida e, numa tábua que deixou ali mesmo pregada na parede, escreveu um compêndio de sua vida. Esta ermida foi derrubada depois e edificaram ali uma igreja em seu nome. Tem também culto no lugar de Casaio, onde se estabeleceu confraria com o título de São Gil, aprovada por Bento XIV. Celebram sua festa naquela terra em tal dia como hoje, por não constar o de seu trânsito. E moveu-os a isso a comemoração de São Gil abade, que a Igreja faz neste dia. Com o tempo chegou a perturbar-se esta tradição, e alguns daqueles naturais confundiram nosso São Gil com o outro, aplicando-lhe a especialidade da corça que se lê na vida de São Gil abade. São muitos os

benefícios do céu que, por intercessão de nosso Santo, experimentam os vizinhos de Galende, de Sanábria e de outros lugares daquela terra.

São Vicente, Presbítero e Mártir

A vila de Besalú, uma das mais famosas do principado da Catalunha, possui desde muito antigamente o corpo do bem-aventurado São Vicente, presbítero e mártir, que se venera em sua igreja paroquial, chamada também São Vicente, onde Deus, por sua intercessão, faz sem dúvida grandes mercês àqueles habitantes. Celebra-se a festa deste santo Mártir no primeiro domingo de setembro; e os sacerdotes rezam dele naquele dia, e a coleta que dizem, assim na missa como no ofício diurno, é a seguinte: *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus: ut qui beati Vincentii martyris tui translationem colimus, intercessione ejus in tui nominis amore roboremur. Per Dominum, etc.* Os lavradores do termo e paróquia de Besalú o têm por padroeiro; e os sacerdotes que haviam visto a história deste Santo, que depois se perdeu, afirmaram que nela se dizia que é advogado contra as tempestades; e, como antigamente aquela terra estava muito afligida de pedra e granizo, chegando ali este santo corpo ficou livre de semelhante praga. (Domènech.)

São Lupo, Arcebispo de Sens

O bem-aventurado São Lupo foi francês de nação, natural do território de Orléans e de linhagem real. Seu pai chamava-se Betão e sua mãe Austregilda. Deste servo de Deus pode dizer-se que foi santificado desde o berço, porque, estando Austregilda grávida dele, soube por divina revelação que o que levava em suas entranhas havia de ser bispo, e por isso ela mesma, não obstante sua elevada classe, quis dar-lhe o peito, não podendo sofrer que outra mulher o criasse. Sendo de idade conveniente, foi levado aos estudos e aproveitou tanto neles que, entre seus condiscípulos, não havia quem o igualasse. Tinha dois tios grandes prelados da Igreja, a saber: Austero, bispo de Orléans, e Aunário, bispo de Auxerre, os quais, vendo seu sobrinho Lupo afeiçoadíssimo ao serviço de Deus, procuraram que fosse clérigo. Sendo maior em idade, deu-se todo às coisas do serviço de Deus, e sempre foi devoção favorita sua visitar com frequência os sepulcros dos Mártires, honrando a Deus em seus fiéis servos que haviam glorificado seu santo nome com o sacrifício de suas vidas. Estudando o espírito destes, domou sua carne com austeros jejuns, vigílias, humilhações e penitências. Sumamente sensível às fadigas e penalidades de todo necessitado, chegou a exceder-se tanto em hospitalidade e caridade que pôde em algumas ocasiões ter-se por profusão.

Tendo morrido Artêmio, arcebispo de Sens, vendo o povo e o clero as virtudes e prendas principalíssimas do servo de Deus Lupo, suplicaram ao Rei que o designasse por seu prelado. Anuiu a isso o Rei, e ficou Lupo arcebispo daquela cidade, no ano de 609. Governou seu arcebispado com grandíssima satisfação, assinalando-se sempre em obras de caridade, porque das rendas de seu arcebispado não procurava entesourar nesta vida, mas tudo dava aos pobres. E favoreceu-o tanto o Senhor em seus santos exercícios que começou a obrar por ele milagres de tal maneira que as

mesmas criaturas insensíveis lhe tinham respeito e obedeciam. Conta Lourenço Surio que, estando o Santo uma vez fazendo oração diante da igreja de Santo Aniano, estando ela muito bem fechada, por si mesmas se abriram milagrosamente as portas, ficando os presentes pasmados de semelhante maravilha. Aconteceu que um dia tinha muitos convidados e, em meio à comida, faltou-lhe o vinho e, vendo-se em semelhante falta, pôs-se em oração. Mas acudiu logo o Senhor a favorecer seu servo, porque, vindo um criado, disse-lhe que à porta havia achado cem medidas de vinho, sem saber quem ou de onde as haviam trazido. Mas é de crer que, como o Santo era liberal com os pobres, quis Deus mostrar-se também liberal com ele, provendo-o naquela necessidade.

Quando a saúde de seu povo pedia sua assistência, era ativo em manter a pública tranquilidade; e assim, por morte do rei Teodorico, sustentou com o maior vigor o partido de seu filho Sigeberto. Em seguida, quando o rei Clotário entrou pela Borgonha com som de guerra, mandou a seu senescal que pusesse cerco sobre a cidade de Sens. Vendo isto o glorioso Santo, mandou tanger o sino de Santo Estêvão daquela cidade, o qual lhes causou tão grande terror e espanto que pensavam perder ali a vida se não fugissem. Apoderou-se por fim Clotário da Borgonha e, enviando à mesma cidade outro senescal chamado Farulfo, como o Santo não saísse a recebê-lo nem lhe fizesse algum presente, da maneira que os outros bispos fizeram, indignou-se tanto contra ele que o acusou caluniosamente diante do Rei, e foi amparado em suas acusações por Madegisilo, abade de São Remígio nos arrabaldes de Sens, cujo intento era suplantar São Lupo em seu arcebispado.

Mandou-o, pois, Clotário desterrar de sua cidade e deu ordem a um oficial pagão que o conduzisse a Ausena, cidade de Vimeu, não longe de Lião. Ali, encontrando o santo Bispo templos profanos em que os idólatras ofereciam sacrílegos cultos aos falsos deuses, creu ter sido enviado por Deus para a conversão daqueles habitantes, o que pôs em prática com sua pregação e com seu exemplo. Restituindo a vista a um cego, converteu Landegisilo, seu duque ou governador, e batizou-o com vários outros que ainda permaneciam pagãos nas tropas dos francos. Entrementes os cidadãos de Sens mataram o que havia usurpado sua cadeira e rogaram ao santo abade Vinebaldo que suplicasse ao rei Clotário levantasse o desterro ao Santo e o restituísse a seu arcebispado. Fê-lo o Rei, que se achava então perto de Rouen; e, sensível à injúria que havia feito àquele servo de Deus, desgraçou os caluniadores e enviou o mesmo Abade para que o levasse à sua presença. Foi, pois, Vinebaldo ao lugar do desterro e, quando chegou a ver-se com São Lupo, os dois Santos derramaram muitas lágrimas e, dando-se a paz com muita ternura, voltaram para a corte. Chegados lá, o bem-aventurado São Vinebaldo apresentou São Lupo diante do Rei, e Clotário prostrou-se a seus pés, pedindo-lhe perdão. Logo mandou-o comer à sua mesa e restituiu-o à sua igreja, cheio de ricos presentes. Passando por Paris os dois Santos, mostrou Deus tão grande milagre por seus servos que grande multidão de encarcerados foram por eles milagrosamente livres dos cárceres. Chegando a Sens, os cidadãos saíram a recebê-los cantando hinos e chorando de contentamento. E foram tantos os favores que lhes fez ali a liberalíssima mão de Deus que, estando na terra, algumas vezes ouviam cantar os coros dos Anjos do céu.

Um domingo aconteceu-lhe que, celebrando missa, caiu milagrosamente uma pedra preciosa dentro de seu cálice, a qual o rei da França procurou haver e mandou colocar entre suas relíquias. Estando uma noite o bem-aventurado São Lupo em oração, teve grandíssima sede, pelo que mandou que lhe trouxessem água. Mas, advertindo logo que aquela sede era engano do demônio, tomou uma almofada e pô-la sobre o vaso de água, encerrando assim o inimigo dentro dele, onde

esteve toda a noite, dando gritos e ferozes uivos até pela manhã, quando o Santo o lançou fora corrido e confuso.

Fez em vida grandes milagres, curando muitos enfermos, dando vista aos cegos, ouvido aos surdos e outras maravilhas que seria prolixo contar todas. Finalmente, depois que este Santo teve alcançado ricos tesouros para o céu, levando vida santíssima, quis Deus pagar-lhe com o prêmio de suas boas obras, recebendo seu espírito pelos anos de 633, em tal dia como hoje, no feudo de Brinon, que era próprio de sua igreja, sendo sumo pontífice Pelágio II e imperando Heráclio. Seu corpo foi conduzido a Sens e enterrado, conforme sua humilde vontade, debaixo da pia de água benta na igreja de São Columbo. Depois de sua feliz morte continuou o Senhor obrando por sua intercessão grandes milagres.

No principado da Catalunha tem-se muita devoção ao bem-aventurado São Lupo, cujos povos têm experimentado constantemente especialíssimos favores de seu patrocínio. (Domènech e Butler.)

São Josué, Capitão do Povo Hebreu

Josué, que significa Salvador, filho de Num, a quem os gregos chamam Jesus, filho de Nave, da tribo de Efraim, foi primeiro ministro de Moisés e depois o sucedeu em sua dignidade de capitão do povo hebreu. Quão grande fosse seu valor e esforço, deu-o a entender Moisés, em que, caminhando pelo deserto ao tempo em que tirou os hebreus do Egito, pondo-se-lhes em contrário o rei Amalec para estorvar-lhes a passagem, dentre todos eles, que eram seiscentos mil, o escolheu para capitão naquela guerra.

Do recenseamento do povo que por ordem de Deus fez Moisés, alguns meses depois da morte de Aarão, Caleb e Josué eram os únicos israelitas que restavam de quantos saíram do Egito, cumpridos os vinte anos de idade, porque o Senhor havia predito que morreriam todos no deserto. Disse Deus a Moisés: «Sobe ao monte Hor e considera dali a terra que darei aos filhos de Israel, e depois morrerás como teu irmão Aarão, porque ambos me ofendestes no deserto, nas águas de contradição, e não me glorificastes diante do povo.» Moisés pediu então ao Senhor que lhe permitisse passar o Jordão; mas Ele não o escutou: «Basta, disse-lhe; não me fales mais: sobe ao monte e estende a vista por todas as partes, porque não hás de passar o Jordão.» Moisés respondeu: «Senhor, Deus dos espíritos de todos os homens, escolhei Vós mesmo um homem que tome o governo deste povo.» — «Toma, respondeu-lhe o Senhor, a Josué, esse homem em quem reside meu espírito; impõe-lhe as mãos e dá-lhe minhas ordens na presença do grande sacerdote Eleazar e de todo o povo, para que lhe obedeçam, porque ele é quem marchará à frente dos filhos de Israel e quem lhes distribuirá a terra que viste do alto do monte.» Moisés fez quanto o Senhor lhe havia mandado, e Josué ocupou o lugar deste caudilho, que se viu privado do consolo de introduzir os israelitas na terra prometida.

Morto Moisés, tomou Josué o governo do povo de Israel, e a passagem do rio Jordão foi a primeira coisa que ocupou sua atenção: fez, pois, avançar os israelitas para o rio e, estando já a ponto a passagem, enviou emissários à cidade de Jericó, que era a primeira que havia de combater e

ganhar do outro lado do rio. Os emissários se viram em grave perigo, porque o rei de Jericó teve aviso de sua chegada e procurou prendê-los; mas uma mulher chamada Raab, meretriz, a quem Deus concedeu o dom da fé, os encobriu em sua casa e depois os guiou, descendo-os pelo muro da cidade desde a janela de sua casa, que estava colada ao muro, de modo que voltaram livres a Josué. E por este benefício que fez aquela mulher, foi livre com sua família quando aquela cidade foi destruída.

Josué, pois, moveu o acampamento e, pondo-se em marcha, mandou aos sacerdotes que tomassem sobre seus ombros a Arca da aliança e entrassem com ela pelo Jordão: o que, feito assim, no instante em que chegaram à beira do rio, quando estava mais cheio, as águas de baixo correram, deixando seco o fundo; as de cima detiveram-se, permanecendo suspensas como um muro enquanto esteve a arca no meio do Jordão, passando-o os hebreus a pé enxuto. Ao saírem dele os sacerdotes que levavam a Arca, as águas seguiram seu curso ordinário. Naquele dia fez o Senhor a Josué grande e ilustre à face de todo Israel, para que fosse respeitado como o havia sido Moisés. Estando ainda a Arca no leito do rio, Josué, por ordem de Deus, escolheu doze homens, um de cada tribo, e mandou-lhes recolher doze pedras no mesmo sítio em que estavam detidos os sacerdotes que levavam a Arca; e colocou-as em monte no lugar onde acamparam pela primeira vez, a fim de que lhes servissem de sinal e monumento. Pôs também Josué outras doze pedras no meio do leito do Jordão e falou aos israelitas desta maneira: «Quando vossos filhos vos perguntarem que significam estas pedras, respondereis: Secou-se o leito do Jordão diante da Arca do Senhor quando atravessava o rio, e estas pedras foram colocadas aqui para perpetuar a memória de tão extraordinário prodígio. O Senhor retirou diante de nós as águas do Jordão, como o fez com as do mar Vermelho, para que passássemos por ele, a fim de que todos os povos da terra reconheçam sua mão onipotente, e vós mesmos aprendais a temer sempre ao Senhor vosso Deus.»

Depois de uma passagem tão milagrosa, os israelitas assentaram o acampamento num vale que se chamou Gálgala, aonde, por mandado de Deus, foram circuncidados todos os hebreus, porque nos quarenta anos que estiveram no deserto nenhum dos que nasciam era circuncidado, por não terem hora segura de repouso; e celebraram logo a solenidade da Páscoa, que foi a do cordeiro, e comeram desde o dia seguinte os frutos da terra prometida, deixando o maná de cair do céu, de modo que desde então não tiveram mais alimento que o do país de Canaã.

Estava a terra da Palestina, que era a prometida por Deus a seu povo, dividida em diversos reinos e estados: uns se chamavam amorreus e outros cananeus; todos eles, ouvindo referir o milagre que Deus havia feito com os hebreus na passagem do Jordão, deram-se por perdidos, ainda que se apercebessem para defender seus Estados. A cidade de Jericó estava cercada de fortes muralhas e defendida com boas tropas; Josué, contudo, resolveu atacá-la, adiantando-se sozinho até muito perto da praça para reconhecê-la por si mesmo. Estando já no território da cidade, encontrou um homem que empunhava uma espada desembainhada; encarou-o e disse-lhe: «És dos nossos ou do inimigo?» — «Eu sou, respondeu-lhe aquele homem, o capitão dos exércitos do Senhor; da parte dele venho agora socorrer-te.» Prostrou-se Josué em terra e adorou-o, dizendo: «Que manda meu Senhor a seu servo?» — «Descalça-te, respondeu-lhe, porque o lugar em que estás é santo.» E logo disse o Senhor a Josué: «Entreguei-te a cidade de Jericó com seu rei e seus guerreiros.»

Eis como se cumpriu a palavra do Senhor. Josué, obedecendo à ordem divina, fez que seu exército por espaço de seis dias desse a volta à cidade: parte dele marchava diante da Arca, ao redor da qual tocavam a trombeta sete sacerdotes, e o resto ia na retaguarda. No sétimo dia rodeou-se a cidade sete vezes com a mesma ordem e, na sétima volta, todo o povo, instruído por seu caudilho, lançou um grito terrível. Caíram por si, no instante, os muros de Jericó: Israel entrou na cidade e passaram a fio de espada todos os seus habitantes, com exceção de Raab e de sua família, que foi conservada e incorporada ao povo de Deus. Todos os animais foram degolados e a cidade reduzida a cinzas; guardou-se para o Senhor o ouro, a prata e o bronze; todo o mais o consumiu o fogo.

Queria Deus com este exemplar castigo inspirar aos hebreus um grande horror às impiedades daquele povo culpado e enchê-los de temor, fazendo-os ministros de sua justiça.[^4]

Josué havia proibido expressamente da parte de Deus que se reservasse algo do butim; mas um homem chamado Acã, da tribo de Judá, desobedeceu a esta ordem e reteve uma régua ou barra de ouro e um vaso de prata, com um pano ou vestido de escarlate: esta desobediência irritou o Senhor, porque, enviando Josué três mil homens contra a cidade de Hai, foram vencidos e mortos trinta e seis deles. Sentiu-o muito Josué, fez oração a Deus e foi-lhe respondido ser a causa deste dano haver alguém do povo guardado algo do saque de Jericó. Lançaram sortes nas doze tribos para descobrir o ladrão, e caiu na de Judá; sortearam-se as famílias e tocou à de Zara; por último, praticado o mesmo com os nomes da família sorteada, saiu o de Acã, que, vendo-se descoberto, confessou a verdade; pelo que Josué mandou apedrejá-lo e reduzir a cinzas seu corpo com tudo quanto lhe pertencia. Feito isto, Josué foi em pessoa à cidade de Hai e, pondo em emboscada parte de seus soldados, fez que outros acometessem a cidade. Saíram contra eles os bárbaros: os hebreus, avisados por seu caudilho, fingiram que fugiam; creram-no facilmente os contrários, e desta sorte entraram na emboscada, onde foram cercados e mortos doze mil deles. Josué mandou enforcar o rei de Hai e arrasar a cidade. Os despojos foram divididos entre a gente de guerra.

Os gabaonitas, temendo ser destruídos, enviaram embaixadores a Josué, pedindo-lhe sua amizade; e, para alcançá-la, fingiram que vinham de um país muito longínquo para aliar-se com ele. Josué e os anciãos do povo, desejando ter amigos, contanto que não fossem dos moradores da terra de promissão, sem consultar o Senhor, aliaram-se com os gabaonitas, jurando não os matar com seus inimigos, os amorreus e cananeus. Descobriu-se depois o engano e, pelo juramento, guardaram-lhes a vida; mas Josué os destinou a servir perpetuamente ao povo e ao templo do Senhor.

Alarmado Adonisedec, rei de Jerusalém, com o que haviam feito os gabaonitas, confederou-se com outros quatro reis seus vizinhos para fazer frente aos israelitas e, reunindo todas as suas forças, cercaram a cidade de Gabaão. Em tal conflito, os cercados enviaram a pedir socorro a Josué; o qual, tendo oráculo de que fosse contra os cinco reis coligados, voa com sua gente toda a noite desde Gálgala e cai de improviso sobre eles: o Deus dos exércitos derrama nas hostes inimigas pavor e confusão: fogem, e em sua fuga fulmina contra elas um granizo de pedras que em grande parte as destrói, derribando-as mortas. Visto por Josué que se vinha a noite e não estava de todo destruído o inimigo, fez oração a Deus e, feita, levanta a voz dizendo: «Sol, detém-te sobre Gabaão, e tu, Lua, sobre o vale de Aialon.» E pararam o Sol e a Lua[^5] até que o povo se vingasse de seus inimigos, de maneira que não houve antes nem depois dia tão longo como aquele.

Seguiu o alcance Josué e foi avisado de que os cinco reis se haviam escondido numa cova junto à cidade de Maceda. Mandou ir para lá muitos de seus soldados e que pusessem grandes pedras na boca e entrada dela e a guardassem. Fez-se assim; e ele, perseverando em seguir os inimigos, não se contentou até que de todo os destruiu, sendo poucos os que puderam salvar-se em cidades fortes da província. Feito isto, sem dano algum de sua gente, foi à cova onde estavam encerrados os reis: tirou-os dali, pô-los em cinco paus, onde morreram. Mandou pôr seus corpos dentro da cova e sobre ela muitas pedras.

Ia ganhando Josué as cidades da comarca sem dificuldade alguma e, aproximando-se dos Estados do rei Jabin de Asor, o qual juntou um exército numerosíssimo, assim de seu reino como de seus vizinhos, em que havia uma multidão de cavalos e de carros armados.[^6] E, não obstante o poderio de tantas forças, não duvidou Josué de pelejar com eles, havendo-lho dito o Senhor, nem lhe foi muito difícil vencê-los; e fez neles grande matança, em tanto grau que não deixou relíquias deles, desjarretando-lhes os cavalos e abrasando-lhes os carros, como o Senhor lhe havia mandado. Ganhou assim mesmo a cidade de Asor e prendeu Jabin, seu rei, matou-o e destruiu a fogo e sangue a cidade com seus vizinhos. Era Josué obedientíssimo a Deus, e assim o favoreceu, de maneira que se apoderou de toda a terra de promissão, ficando os hebreus riquíssimos. Querendo Deus castigar aquela gente idólatra, permitiu que seu coração se endurecesse e que se obstinasse em guerrear contra Israel; assim é que quase toda foi exterminada, à exceção de algumas poucas nações guerreiras que conservou para exercício e prova da fidelidade de seu povo.

Trinta e um em número foram os reis que Josué venceu e, tendo conquistado definitivamente o país de Canaã, deixou as armas, distribuiu suas terras e cidades às tribos de Israel, assinalando a cada tribo sua parte por sorte, ainda que a de Levi não teve lugar nesta distribuição, porque Deus lhe havia designado para sua manutenção os dízimos e primícias de todos os frutos, sendo os primeiros para os levitas e as primícias para os sacerdotes, com as ofertas que se faziam ao Senhor no altar; e assim se lhe deram cidades para que as habitassem no território de cada tribo. Em seu lugar entraram os filhos de José, divididos em duas tribos, Manassés e Efraim. Fez Josué assento em Silo, aonde pôs a Arca do Senhor e seu tabernáculo, e desde ali governava Israel.

Josué, que estava já muito entrado em dias, reuniu as tribos de Israel e disse-lhes: «Vedes que o Senhor vos deu a terra que vos havia prometido. Ele mesmo batalhou em favor vosso contra as nações que a habitavam e finalmente vos estabeleceu nela. Verdade é que ainda restam alguns povos por vencer, mas não deveis temê-los, contanto que não vos aparteis do Senhor vosso Deus; amai-o, observai fielmente sua lei e vereis que a todos os extermina a vossos olhos. Fugi, porém, deles, para que não vos inoculem sua idolatria: se fizerdes aliança com eles, sabei que Deus os conservará ao vosso redor e que vos serão uma pedra de tropeço para que caiais e origem de desgraças.» Todo o povo lhe respondeu, prometendo dar sempre adoração a Deus. O ilustre capitão renovou naquele dia a aliança entre Deus e os filhos de Israel, na presença da Arca, e a escreveu no livro da Lei; e, para conservar sua memória, erigiu um monumento numa grande pedra, que pôs debaixo de uma azinheira, perto de Siquém; dando a entender que, assim como por sua natureza a pedra dura muito tempo, assim aquela promessa feita a Deus pelos hebreus havia de durar para sempre; e, feito isto, despediram-se, e cada tribo partiu para o lugar de sua morada.

Pouco depois morreu Josué, sendo de cento e dez anos, tendo vivido casto toda a sua vida, como diz São Jerônimo (*Adv. Jovinian.*, liv. 1, tomo 2), e foi sepultado numa posse sua, chamada Tamnat-Sara, no monte Efraim. Este insigne varão, sucessor de Moisés, mereceu que o Senhor o elogiasse porque não teve parte alguma no desalento do povo. Posto à frente de Israel, renovou os milagres de Moisés; mas o que mais o honra é ter sido, como o indica seu nome, figura do Salvador do mundo. Governou o povo de Deus, depois da morte de Moisés, vinte e sete anos: a Escritura sagrada não lhe determina tempo, mas, contando o que os outros capitães governaram, restam estes vinte e sete. Foi sua morte no ano 2361 da criação, ou seja, 1439 antes de Jesus Cristo.

Josué escreveu seu livro até onde se trata de sua morte; o mais, diz o autor da *Biblioteca Santa*, que o completou Esdras. Também, segundo este autor, escreveu Josué o fim do quinto livro de Moisés, chamado Deuteronômio. Grande foi a santidade de Josué e muito louvado é na sagrada Escritura; e seu maior elogio formou-o o Espírito Santo pela boca do autor do Eclesiástico, cap. 46, v. 1 a 10.

São Gedeão, Juiz e Capitão do Povo Hebreu

Gedeão, que significa o que quebranta e desfaz, foi da tribo de Manassés, filho de Joás, pai de famílias e principal entre os de sua linhagem. Haviam os hebreus dado em idolatrias, adorando os deuses de seus vizinhos os gentios, pelo que permitiu o Senhor, com o fim de corrigi-los, que sofressem por espaço de sete anos a opressão dos madianitas e dos amalecitas, que desolavam e saqueavam o país, talando as messes e reduzindo o povo a extrema miséria. Em tal conflito, converteram-se ao Senhor, implorando seu auxílio contra tão cruéis inimigos.

Seus gemidos aplacaram a Deus e, para livrá-los, enviou um Anjo a Gedeão, quando este, pensando fugir, debulhava seus grãos para levá-los. O Anjo sentou-se debaixo de um carvalho e saudou-o, dizendo: «O Senhor é contigo, ó tu, o mais forte dos homens.» Ao que respondeu Gedeão: «Se o Senhor é conosco, como é que nos alcançaram tantos males? Onde estão aquelas suas maravilhas que nos contaram nossos pais? Agora nos desamparou e abandonou sob o jugo de Madiã.» — «Vai, pois, tu, disse o Anjo, lançando-lhe um olhar; vai com a fortaleza de que estás revestido, e libertarás Israel do jugo de seus inimigos.» Gedeão replicou: «Rogo-te que me digas: como poderei libertar Israel? Minha família é a ínfima na tribo de Manassés, e eu o menor na casa de meu pai.» — «Vai, tornou-lhe o Anjo, falando sempre em nome de Deus; eu estarei contigo, e derrotarás Madiã como se fosse um só homem.»

Rogou-lhe Gedeão que, por meio de algum sinal, lhe desse a conhecer que lhe falava da parte de Deus; e, não o crendo mais que homem, em cuja figura se lhe apresentou, correu a sua casa a trazer-lhe carne cozida e pães sem fermento, que apresentou ao Anjo, pondo tudo sobre uma pedra. Estendeu o Anjo seu bordão e tocou a carne e os pães ázimos; e no momento saiu da pedra um fogo que tudo consumiu, desaparecendo o Anjo. Gedeão sobressaltou-se, pois era opinião

muito recebida que não se podia ver o Anjo do Senhor sem ficar morto; mas o Senhor acalmou sua zozobra, dizendo-lhe: «A paz seja contigo, não temas, não morrerás.» Edificou, pois, ali Gedeão um altar ao Senhor e chamou-o a paz do Senhor; o qual lhe falou aquela noite e mandou-lhe que derrubasse um altar que seu pai tinha levantado a Baal e destruísse um bosque que estava ao redor do altar; e que sobre a mesma pedra de onde havia saído o fogo milagroso lhe oferecesse e sacrificasse um touro de sete anos. Gedeão, temendo agastar seu pai e querendo obedecer a Deus, levantou-se de noite e, acompanhando-se de dez criados seus, fez tudo o que lhe foi mandado. Vendo os habitantes daquela comarca destruído o ídolo de Baal e abrasado o bosque onde era adorado, fizeram pesquisa do autor de tal atrevimento e, sabedores de que era Gedeão o que buscavam, acudiram a seu pai com a pretensão de que o entregasse a eles para dar-lhe morte; ele, porém, negou-se, dizendo-lhes: «Sois porventura os vingadores de Baal? Se é Deus, vingue-se ele mesmo de quem destruiu seu altar.» Esta resposta desarmou seu fanático zelo, e não voltaram a insistir. Ficou Gedeão por este feito com novo nome, Jerobaal, que significa forte contra Baal.

Reunidas todas as forças de Madiã e de seus aliados, passaram o Jordão e foram acampar-se no vale de Jezrael. Encheu o espírito de Deus a Gedeão; tocou este a trombeta e enviou emissários por todas as partes para excitar seu povo a reunir-se a ele: juntaram-se-lhe várias tribos e em breve viu-se à frente de trinta e dois mil homens. Antes de acometer empresa alguma, pediu ao Senhor que lhe desse a conhecer, com um novo sinal, se queria fazê-lo instrumento da liberdade de Israel. «Porei, disse, este velo de lã na eira: se o orvalho cair somente no velo, permanecendo enxuto todo o terreno, reconhecerei que por minha mão hás de libertar Israel.» Cumpriu-se à letra quanto havia pedido, e na manhã seguinte achou-se o velo cheio de orvalho e a terra enxuta ao redor. Voltou Gedeão a dizer a Deus: «Senhor, rogo-vos que não vos deis por ofendido se ainda vos peço outro sinal: fazei agora que se empape de orvalho a terra e só o velo permaneça enxuto.» O Senhor concedeu-lhe este segundo prodígio, caindo orvalho sobre a terra e nada sobre o velo.

Cheio de confiança Gedeão à vista destes dois milagres, pôs-se em marcha com todo o seu exército; mas, antes de dar alcance ao inimigo, chegou à fonte chamada Harad, onde lhe falou Deus e lhe disse: «Muita gente tens contigo; não quero que se apresente contra Madiã um exército tão numeroso, porque Israel não se glorie contra mim, dizendo: Meu valor me libertou. Faze, pois, que se publique em todo o acampamento que todos os medrosos se voltem.» Em virtude deste pregão, abandonaram as fileiras vinte e dois mil homens, não ficando senão dez mil nelas; mas Deus voltou a dizer-lhe: «Ainda são muitos; leva-os a um sítio em que haja água, e ali te direi quais devem acompanhar-te e quais é preciso despedir.» Chegada a legião a um riacho, disse Deus a seu caudilho: «Porás de um lado os que lamberem a água com a língua, como costumam fazer os cães; e os que dobrarem o joelho para beber estarão em outra parte.» Só trezentos homens lamberam a água, lançando-a com a mão à boca, e todos os demais se estenderam a bebê-la com toda a comodidade. Disse, pois, o Senhor a Gedeão: «Com estes trezentos homens te livrarei de Madiã: retirem-se todos os outros.» Não cabe dúvida acerca do desígnio de Deus nesta passagem da História santa, havendo-se ele mesmo explicado sobre o particular. Queria manifestar que era ele quem obrava. Valendo-se de meios evidentemente insuficientes, queria que só a ele pudessem atribuir os hebreus as vitórias humanamente inalcançáveis: numa palavra, propunha-se convencer o universo de que ele governava seu povo; propunha-se cimentar neste mesmo povo uma inteira confiança em sua celestial providência.

Com seus trezentos homens somente marchou Gedeão ao encontro dos inimigos, que estavam acampados no vale em número de mais de cento e vinte mil. Na noite seguinte, querendo Deus dar a seu servo nova segurança da vitória, mandou-lhe que fosse só, ou com um de seus criados, até perto do campo dos madianitas, para escutar o que ali se dizia. Fê-lo e, tendo-se aproximado de um corpo de guarda, ouviu um soldado referir a outro um sonho que havia tido. «Vi, dizia, um pão cozido com cinza que me parecia rodar do alto da montanha até nosso acampamento, derrubando uma tenda que achou a seu passo.» — «Este pão é o exército de Gedeão, respondeu o companheiro: lisonjeia-nos a ideia de devorá-lo como um pedaço de pão; mas ele abaterá, derribando-o, o orgulho de Madiã.»

Ouvida a interpretação dada a este sonho, prostrou-se Gedeão em terra para adorar a Deus: voltou ao momento a seu campo e disse: «Levantai-vos, que o Senhor pôs os madianitas em nossas mãos.» Dividiu sua gente em três trechos, dando a cada soldado uma trombeta e uma vasilha de barro vazia e, dentro desta, uma tocha acesa, e prescreveu-lhes o uso que disso deviam fazer. Aproximam-se os israelitas, pela meia-noite, do acampamento inimigo: dividem-se em três partes, tendo no meio os contrários; principiam suas trombetas a ressoar; logo quebram suas vasilhas umas contra outras; agitam com a mão esquerda as tochas acesas; e continua o estrondo das trombetas; permanecem eles imóveis em seus postos e gritaram: «A espada do Senhor e de Gedeão.» O Deus forte, o Deus das batalhas penetra de terror os aliados do acampamento inimigo; creem que se deixa cair sobre eles um exército formidável, desordenam-se suas fileiras e, desconfiando os madianitas dos amalecitas, que com outros orientais se lhes haviam juntado, começam entre si a peleja, matando-se uns aos outros. Os mortos foram muitos; os que ficaram com vida fugiram; mas, avisando Gedeão os da tribo de Efraim, acode a fechar-lhes a passagem do Jordão e, lançando-se em perseguição dos fugitivos, morre a maior parte ao fio da espada, e entre eles dois príncipes madianitas, chamados Oreb e Zeb, e suas cabeças foram levadas a Gedeão. O qual passou o Jordão em seguimento de dois reis, também madianitas, chamados Zebé e Salmana: tinham estes quinze mil homens, que haviam ficado de todo o exército, tendo sido mortos cento e vinte mil, e estavam descansando, crendo-se seguros, quando de improviso chega Gedeão e investe contra eles com sua gente, os quais, sem poderem defender-se, morrem uns, fogem outros, e entre estes os dois reis. Mas Gedeão foi em seu alcance e os prendeu; e porque lhes ouviu dizer que haviam matado três irmãos seus, não se atrevendo Jéter, filho mais velho de Gedeão, a matá-los, ainda que ele lho mandou, entregando-lhos atados, o mesmo Gedeão os matou e voltou desta jornada com grande triunfo.

Os israelitas quiseram dar-lhe título de senhor de todos, dizendo-lhe: «Sê tu nosso príncipe, e depois de ti reinem teus descendentes, já que nos libertaste de nossos inimigos.» — «Não, respondeu ele; não serei eu príncipe vosso, nem reinarão meus filhos, mas será o Senhor quem domine e reine sobre vós, porque a ele só deveis a vitória.» E acrescentou: «Uma só coisa vos peço: dai-me os pendentes de ouro que tirastes das orelhas desta gente inimiga.» Era costume dos de Madiã trazer pendentes de ouro nas orelhas. Eles de boa vontade lhos deram. E, estendendo no chão uma capa, lançaram nela os pendentes do despojo, e o peso de ouro que resultou foi de mil e setecentos siclos, sem os adornos, joias e vestidos de púrpura que os reis de Madiã costumavam usar, e sem os colares de ouro dos camelos. Do ouro que Gedeão juntou e de linho e seda de diversas cores fez um *Éfode*,[^7] isto é, uma vestidura sacerdotal, e pô-la em sua casa na cidade de Efra; o que foi ocasião de que idolatrasse todo Israel. Nicolau de Lira diz que Gedeão fez este

ornamento sacerdotal com uma devoção indiscreta, para que o povo honrasse a Deus e fosse fazer oração como em lugar sagrado, onde os hebreus, a quem pouco bastava para idolatrar, vendo da maneira que Gedeão tinha em sua casa aquela joia feita dos despojos dos inimigos, deixando de adorar a Deus, adoravam aquele ornamento; por cuja ocasião diz a Escritura sagrada que foi causa da ruína de Gedeão e de toda a sua casa, como no fim se dirá.

Os madianitas ficaram tão quebrantados desta batalha que não tiveram ousadia de molestar os hebreus por espaço de quarenta anos, que Gedeão foi seu juiz e governador: o qual, depois deste tempo, morreu em boa velhice e foi sepultado no sepulcro de Joás, seu pai. No tanto tempo que viveu depois do pecado que cometeu, bem pôde fazer penitência dele; e é certo que a fez, o que afirma Nicolau de Lira que dá a entender a Escritura ao dizer que morreu em boa velhice; também em que São Paulo, escrevendo aos hebreus, o põe no catálogo que faz de Santos do Testamento Velho. E é tão verdade isto que Santo Agostinho, ainda que na Escritura lê de Sansão que se matou a si mesmo, diz que não pecou nisso, porque o fez por mandado de Deus, e prova-o em que São Paulo o põe no mesmo catálogo. E a Igreja católica, pondo aquela Epístola no ofício de muitos Mártires, começa logo que se acaba de escrever os nomes, e em seu lugar põe este nome: *Sancti*; e assim diz: estes Santos pela fé venceram reinos: de modo que todos os nomeados naquele lugar por São Paulo, os canoniza e dá renome de Santos; e, sendo um deles Gedeão, é certo que se salvou e, por conseguinte, que fez penitência daquele pecado, de que deu ocasião sua devoção indiscreta.

O Martirológio Romano e Usuardo põem a morte de Gedeão em tal dia como hoje, no ano 2768 da criação, ou seja, 1232 antes de Jesus Cristo: acha-se o nome de Gedeão no livro dos Juízes, onde se escreve o dito, e na carta de São Paulo aos hebreus, da qual se fez também menção. Deixou vivos setenta filhos que teve de muitas mulheres, além de Abimelec, que houve de uma concubina, como Agar o foi de Abraão, e que, sendo ambicioso e valente, teve modo de matar seus irmãos; de maneira que, de setenta, só se livrou da morte Joatão, o menor de todos, por esconder-se onde não pôde ser achado.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Gil, abade, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Ægidii abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que a intercessão do bem-aventurado São Gil, abade, nos torne gratos a vossa Majestade, para conseguirmos por seu patrocínio o que não podemos por nossos merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 44 do Eclesiástico (o texto é, na verdade, de Eclo 45,1-6).

Eclesiástico 45,1-6

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Reflexões

Fê-lo santo por sua fé e por sua mansidão. Quer dizer: encheu-o de uma fé viva e dotou-o de uma mansidão inalterável, à prova de todas as contradições, capaz de torná-lo dono do coração e das afeições de todos. É a mansidão certa bondade, certa calma, certa moderação da alma, naturalmente inclinada a fazer todo o bem que possa, em alívio e por comprazimento de seu próximo. É uma virtude inseparável da verdadeira humildade e, por isso mesmo, tão rara no mundo. Não é muito compatível com as paixões, à maneira daquelas flores delicadas que só se dão em terreno puro, limpo e cultivado, desembaraçado de sarças, espinhos e matagais que as ofendem e sufocam. É propriamente a prenda das belas almas, disposição natural para todas as demais virtudes, e tão essencial ao que se chama virtude que sem ela não pode haver verdadeira. Não, por certo; não há virtude cristã onde não há este espírito de mansidão e de doçura. O mesmo Salvador declara por falso (Lc 9) e por espúrio o mais ardente zelo da maior glória de Deus quando não está acompanhado dela. *Não sabeis de que espírito sois*, dizia o Filho de Deus a dois de seus amados discípulos quando lhe pediram licença para fazer baixar fogo do céu que reduzisse a cinzas os samaritanos, porque não o quiseram receber. O mais famoso e o mais parecido retrato do

Salvador que delineou o profeta Isaías mal tem traço ou pincelada que não se dirija a copiar sua mansidão e doçura, tanto que só nesta virtude parece consistir todo o seu caráter. *Eis aqui meu servo*, diz Deus por Isaías, falando do Redentor (cap. 42), *eis aqui meu servo, a quem eu defenderei; eis aqui meu escolhido, em quem minha alma tem posta toda a sua complacência; eu derramarei meu espírito sobre ele, e ele fará justiça a todas as nações; não gritará, não será aceitador de pessoas, não se ouvirá sua voz nas ruas, não fará em pedaços uma pena já quebrada, não apagará um pavio que está fumegando. Ofereceu-se*, diz em outra parte o mesmo Profeta (cap. 53), *ofereceu-se, porque ele mesmo quis oferecer-se voluntariamente. Será conduzido à morte como uma ovelha quando a levam ao matadouro, e estará calado, sem abrir a boca, como um cordeirinho mudo nas mãos do que o tosquia.* Nenhum Santo houve que não imitasse este mansíssimo modelo. *Aos mansos dispensará suas graças*, diz o Sábio: *Mansuetis dabit gratiam. Levantou-se Deus*, diz Davi, *para fazer misericórdia e salvar todos os mansos da terra*: *Ut salvos faceret omnes mansuetos terræ* (Sl 75). *Sê manso e apacível com todo o mundo*, dizia o Apóstolo a seu amado discípulo Timóteo. *Audiant mansueti, et lætentur* (Sl 33), exclama o profeta Davi. Ouçam e alegrem-se os mansos e os apacíveis, pois possuem uma virtude que é como a base de todas as demais. Quando há falta de mansidão e de doçura, é muito de temer que as demais virtudes que se aparentam sejam só uma máscara, uma enganosa figura de virtude. Se esta é verdadeira, ignora absolutamente tudo o que é fel picante e amargura. Aquele humor inquieto e enfadonho, aquele humor desabrido, áspero e duro de muitos que se figuram devotos, está publicando sua total falta de virtude ou, pelo menos, a muito pouca que têm. O mesmo zelo amargo, violento, picante e ofensivo está descobrindo o verdadeiro motivo do ardor que os abrasa. Julgam erradamente que é calor nativo e saudável o que é uma febre maligna e consumidora. Percorre com a consideração todas as seitas dos hereges e em todas elas acharás um zelo devorador, que respira amargura e crueldade. Só na religião católica o zelo da glória de Deus sabe compor um verdadeiro ardor com uma doçura inalterável. Não se dissimula nela o pecado, mas também não se irrita nem se exacerba o ânimo do pecador. Não se curam as chagas com vinagre nem com só vinho; sempre entra o azeite na confecção do bálsamo que as sara, as fecha e as cicatriza.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus.

Mateus 19,27-29

> **Latim:** [27] Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? [28] Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. [29] Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum,

> centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: [27] Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? [28] E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. [29] E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Sobre os falsos gostos do mundo

Primeiro ponto

Considera que o mundo, falando com propriedade, é a região dos gostos falsos e enganosos. É um terreno que só dá frutos amargos, regados de ordinário com tristes lágrimas. Aos olhos tudo é brilhantismo, tudo é esplendor; mas o gosto faz um juízo muito diferente: essas exterioridades tão risonhas e essas entradas tão floridas não admitem outra rega que a que lhes comunica uma torrente de pranto e de amarguras. É certo que não será fácil persuadir isto aos jovens, os quais de ordinário só se governam pelos olhos e pelos ouvidos; mas, que diferentemente pensam os que já tomaram o gosto ao que é e falam por experiência! Assim é que o mundo todo soa, todo grita gostos, prazeres, diversões e entretenimentos; este é o eco que ressoa em todas as partes; mas, encontrou-se jamais no mundo um só gosto, uma só diversão que fosse sólida e verdadeira? Todos os mundanos dizem que estão contentes; mas nenhum o está: e acrescento que nem verdadeiramente o pode estar enquanto não nascer seu contentamento do mesmo fundo da boa consciência, ou enquanto buscar sua satisfação em qualquer outra parte fora de Deus. Todo o mundo está semeado de cruzes, tudo está cheio de espinhos; não se descobrem, ou saem pouco para fora, porque o mundo é a região do disfarce, sendo esta a primeira lição que se aprende em sua escola e uma arte em que são mestres quase todos os mundanos. Tal está a rir na aparência que tem despedaçado o coração e está a ponto de rebentar de chorar; mas é mister levar até o fim o disfarce e a comédia. Todos representam o papel de alegres e contentes; mas nem sequer há um daqueles que se entregam a suas paixões que não seja infeliz e triste vítima delas. Todo o gosto que se experimenta nesta farsa é enganar os demais, ocultar-lhes até a suspeita da mais mínima amargura. Digamo-lo mais brevemente: não há outro gosto que o de querer persuadir que o há. Contudo, tem também o mundo seus dias alegres; nem todos são nublados, alguns amanhecem desanuviados e serenos, é verdade; mas, quantos se viram nele perfeitamente tranquilos? A mesma posse do que se desejava com maior ânsia e do que se amava com maior ternura, desgosta e cansa. São as paixões as que causam os gostos, ou ao menos os prometem; mas

nenhuma é capaz de dar um que seja verdadeiro, sólido e puro. Sua insaciabilidade é o tormento do coração humano. Que avarento se viu nunca que se desse por satisfeito com seus ganhos, nem que ambicioso que se contentasse com seu posto? Viram-se nunca os grandes, iguais nisto aos mais pequenos, que se declarassem plenamente satisfeitos com sua elevação, com suas diversões e com seus passatempos? Mas, se estão contentes com o que têm, por que buscam outros novos cada dia? O desgosto é o que os traz tão inquietos; esse fundo de inquietude, que não são capazes de esgotar, é o que os solicita a buscar incessantemente novos arbítrios para sufocar no tumulto seus enfados. Coisa estranha! Todos apalpam esta verdade experimental, e mal há quem queira convir nela. Os prazeres dos mundanos e de todos aqueles que vivem segundo o espírito do mundo, como são prazeres dos sentidos, são incapazes de tranquilizar um coração que não foi criado para os bens sensíveis. Sejam cristãos o entendimento e o coração, e logo se desenganarão da falsidade desses gostos.

Segundo ponto

Considera que não é possível haver verdadeiros gostos no mundo, atendendo à causa que os produz, ao motivo que os anima e às consequências que os seguem, as quais sempre são tristes, dolorosas e funestas. As únicas que prometem os gostos que se buscam no mundo são as paixões; não há que buscar outra origem a esta solicitude, pois não se encontrará. E quem não sabe por sua própria experiência que as paixões são os tiranos do coração do homem, fecunda fonte de todos os seus desgostos? Quão ditosos seríamos, quão sossegados viveríamos, se conseguíssemos livrar-nos da tirania das paixões! Só as sujeita a graça de Deus, só as doma uma consumada virtude; o mundo e o espírito do mundo as fomentam. Temores, sobressaltos, ciúmes, inquietudes, pesadumes, despiques, raivas, desesperações: certamente não reconhecereis outro princípio. Dissimule-se tudo quanto se queira, tome-se cada dia nova máscara, encante embora a multiplicação das diversões, atordoe e atarantem o tumulto dos passatempos, embevecam e alucinem os diferentes semblantes por que se os olhe, sempre é verdade que em tudo e por tudo se derrama uma amargura interior que tudo enche de acibar. Pode-se suspender por algum tempo a dor que despedaça a alma; mas dura pouco o encanto. Logo que se sossega o tumulto, acabando-se a comédia e o papel que nela se representou, por mais que se faça, sente-se o vazio do coração, e volta a alma a suas angústias, a suas inquietudes e a seus cuidados. Procuram-se embotar as pontas que picam e penetram, é assim, mas sempre se percebe a dor; faz-se o possível para sossegar a inquietude com a esperança dos novos passatempos que se idealizam, sempre se prometem mais doces que os antecedentes. E esta é toda a substância desses gostos e dessas diversões em que consiste toda a felicidade das gentes do mundo e das almas pouco cristãs; mas todos os artifícios que o amor-próprio e as paixões põem em movimento não são capazes de apagar da memória o pensamento da morte, acompanhado de cruéis remorsos. Pergunto: esses homens dissolutos, essas mulheres do mundo, essas gentes ou esses escravos das diversões e dos gostos, conservam seu desembaraço, sua alegria e seu bom humor até o fim da vida? Ah, que ninguém riu nunca até a morte! Então se recorre ao arrependimento e às lágrimas. Pois, meu Deus, que atrativo podem ter uns gostos de que ao cabo é preciso arrepender-se? Aquele ímpio que se esqueceu de Deus em todos os seus passatempos; aquele homem distinguido menos por sua qualidade que por suas contínuas festas e diversões; aquelas mulheres embebidas no espírito do mundo, que olhavam com lástima as que tinham uma vida cristã e recolhida; todas essas

pessoas, cujos costumes foram inteiramente pagãos, atrevem-se a sustentar constante seu caráter até a sepultura? Mas, se têm a desgraça de continuar com sua insensibilidade e com sua dureza até o leito da morte, quem as assegura? Qual será sua sorte por toda a eternidade?

Dignai-vos, Senhor, de tirar as cataratas dos olhos de todos os que vão por um caminho que infalivelmente os conduz à última desdita. Mas, e de que me servirá a mim, ó doce Salvador meu, ter feito todas estas reflexões? De que me serviria estar plenamente convencido da falsidade, da vaidade e até do maligno veneno que se encerra em todas as vãs alegrias do mundo, se ainda me deixasse embriagar delas? Concedei-me, Senhor, vossa graça, para que, eficazmente desenganado destes falsos passatempos, eternamente os reprove e me aparte deles para sempre jamais.

Jaculatórias

Apartai, Senhor, meus olhos e meu coração de todos estes vaníssimos passatempos. (Sl 118.)

Tive sempre por loucura todos os risos do mundo e reputei suas falsas alegrias por trampantojo das gentes. (Ecl 2.)

Propósitos

1. Não te hás de contentar com declamar contra os passatempos do mundo, visto que não há condenado no inferno que não grite contra eles mais alto que tu. Conheces seu vazio e sua inanidade; estás convencido de sua falsa brilhantez e da amargura que se esconde naquela bela casca que engana com a aparência; pois não caias no laço e, havendo descoberto o erro, não queiras ser partidário seu. Toma, desde este mesmo ponto, uma eficaz resolução de desterrar-te para sempre de todas as festas mundanas e foge com generosidade de todos esses profanos passatempos, copiosos e infalíveis mananciais de tantas miseráveis quedas. Bailes, comédias profanas, espetáculos, saraus, partidas de diversão, escolhos ordinários da inocência, fiquem perpetuamente interditos para ti desde este mesmo momento. Nem te contentes com proibir-te todas essas diversões empeçonhadas; hás de empregar todas as tuas forças, toda a tua autoridade e toda a tua indústria em afastar cem léguas delas todos aqueles que dependerem de ti, sem ceder um ponto nesta resolução por nenhuma razão, pretexto nem motivo. Em todo o tempo deve um cristão olhar com horror aquelas diversões que eram próprias dos gentios, quando nelas se vulnera a Religião ou se fomenta o relaxamento dos costumes.

2. Sempre que o peça a ocasião, declara-te em favor do espírito e das máximas de Jesus Cristo contra as máximas e o espírito do mundo. Já que este tem tantos partidários e tantos advogados que perdem o tempo alegando em defesa de seus erros, é razão que Jesus Cristo tenha também fiéis servos que saiam com valor à defesa de suas máximas e de suas verdades. Dize, pois, com toda a resolução que condenas os bailes, os espetáculos e toda diversão profana, contrária às máximas do Evangelho e ao espírito de Jesus Cristo.

[^1]: Conforme as memórias que de nosso Santo deixou manuscritas o cronista da Ordem de Cister, Frei Bernardo Cardillo y Villalpando, num livro intitulado *Lignum vitæ*, que se conservava em seu colégio de Salamanca, e as observações do Pe. Mestre Flórez, tomo XVI, pág. 352 e seguintes. [^2]: Não é coisa bem averiguada que este servo de Deus fosse filho deste mosteiro de Castañeda, onde foi abade, ou do de Carracedo, do qual passaram monges a São Martinho de Castañeda no ano de 1150. O primeiro abade destes foi Pedro Cristiano, o segundo Martinho, cuja memória começa no fim de abril do ano 1153 e chega até 20 de agosto de 1180. Nosso Santo pôde ser um dos que com estes dois monges passaram de Carracedo a Castañeda. Frei Bernardo Cardillo Villalpando supõe que nosso São Gil foi o sucessor imediato de Martinho. O Mestre Alonso, monge cisterciense, nas observações que acerca disto fez escrevendo ao reverendíssimo Flórez, adverte que em março do ano de 1181 se acha já memória de outro abade de Castañeda chamado Pedro, que o foi até 4 de setembro de 1208. Muito pouco tempo foi abade daquela casa São Gil de Casaio, se o foi antes deste último. (Veja-se Flórez, ib., pág. 348.) [^3]: Em seus *Anais*, tomo III, ao ano de 1203, cap. 8. [^4]: Não parecerá rigorosa a sentença pronunciada por Deus contra estes povos de Canaã a quem considerar o largo espaço de tempo que os havia suportado, convidando-os à penitência, e as terríveis consequências que teria produzido uma mais longa tolerância. (Ilmo. Pe. Scio, anot. ao livro de Josué, 6, 17.) [^5]: O Senhor obedece à voz de um homem e executa o que ele mesmo lhe havia inspirado que lhe pedisse. Suspende por algum tempo a ordem constante que estabeleceu no universo e deixa sem movimento estes dois formosos astros que nos alumiam, mostrando deste modo que nada custam os mais estupendos prodígios quando se trata de socorrer e proteger seu povo: que Ele só é o Árbitro supremo de todas as criaturas e que d'Ele absolutamente dependem todas as leis da natureza, porque Ele só é o Autor destas leis, e a natureza não é outra coisa que sua vontade onipotente. Todas as dificuldades que se têm movido sobre este estupendo prodígio de Josué podem-se ver doutamente resolvidas numa particular dissertação do Pe. Calmet, onde as trata e explica de propósito. (Ilmo. Pe. Scio, anot. ao livro de Josué, 10, 13.) [^6]: Diz Josefo (*Antiq.*, liv. 5, cap. 1) que constava de trinta mil homens de a pé, de dez mil cavalos e de vinte mil carros armados de foices. [^7]: O Éfode era a veste que o sumo pontífice punha na parte superior, curta e sem mangas, de uma estofa tecida de ouro, de linho e de lã de cor de jacinto e de púrpura, e enriquecida de pedras preciosas engastadas em ouro. Não se pode determinar precisamente que coisa foi este Éfode de Gedeão; mas há fundamentos muito graves para crer que era muito diferente do éfode sacerdotal, porque se fez dos pendentes, planchas e outras alfaias de ouro dos inimigos, cujo peso era de mil e setecentos siclos de ouro, que corresponde a setecentas e quarenta e três onças nossas e quatrocentos e trinta e dois grãos. Por muito preciosa que suponhamos fosse a estofa de um éfode sacerdotal, parece que não podia entrar tanto ouro no tecido de uma roupa estreita, curta e sem mangas; e assim é muito verossímil que o éfode de Gedeão foi um monumento ou troféu, que levantou e consagrou a Deus para perpetuar a memória de uma vitória tão assinalada como a que o Senhor havia concedido a seu povo. Depois de sua morte, o povo, inclinado sempre à idolatria, prostituiu seu culto a este éfode, como o fez também depois com a serpente de bronze que havia levantado Moisés no deserto. Todo o dito até aqui, e a expressão de que usa a Escritura, «e morreu Gedeão, filho de Joás, em boa velhice», expressão que não usa senão quando fala dos homens santos e que agradaram a Deus; e o testemunho que dá dele São Paulo, juntando-o com Davi e com Samuel, em tudo o que se refere às obrigações da justiça e da virtude, não nos deixa motivo de duvidar de que acabou santamente sua vida; e parece-nos que dista muito de Gedeão a prevaricação em que pretendem alguns que caiu pouco antes de morrer. Veja-se Santo Agostinho, *Quæst.* 47. (Ilustríssimo Pe. Scio, anot. Bíbl., liv. Judic., 8, 27.)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:04 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:04 by Admin